

**OS DESAFIOS NA CONSTRUÇÃO DE UMA UNIVERSIDADE COMUNITÁRIA:  
UM OLHAR A PARTIR DA CONDIÇÃO DE REITORA.**

**DOI: <http://dx.doi.org/10.17058/barbaroi.v0i59.16982>**



**Carmen Lúcia de Lima Helfer**

*Entrevistada - Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC – Brasil*

**César Hamilton Brito de Goes**

*Entrevistador - Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC – Brasil*

**Marco André Cadoná**

*Entrevistador - Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC – Brasil*



**Resumo:**

A entrevista aborda temas relacionados ao processo histórico de construção de uma Universidade Comunitária, em especial da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). A partir de relatos acerca de sua experiência profissional, enquanto professora e gestora na UNISC, a professora Carmen Lúcia de Lima Helfer analisa os diferentes momentos, os diferentes desafios, as dificuldades e as conquistas no trabalho coletivo de construção de uma experiência de Universidade Comunitária no Rio Grande do Sul. A entrevista aborda, também, os caminhos e os descaminhos do ensino superior no Brasil, em especial no último período, quando as mudanças das políticas públicas e direcionadas ao ensino superior no País desafiaram os gestores universitários a mudanças tanto no que diz respeito à gestão administrativa quanto no que diz respeito aos projetos de Universidade que orientam as ações de ensino, de pesquisa e de extensão universitários. Relacionada a essa última temática e provocada pela própria proposta do número especial da Barbarói, a professora Carmen resgata a participação do Departamento de Ciências Humanas na UNISC e o lugar das ciências humanas na formação universitária.

**Palavras-chave:**

Universidade Comunitária, UNISC, Crise e Universidade, as ciências humanas na formação universitária.

**Entrevistadores:**

*Professora Carmen. Primeiro, queremos agradecer muito sua disponibilidade de tempo e seu interesse em participar desse projeto da BARBARÓI. Esse é um projeto que nós, professores e professoras do agora extinto Departamento de Ciências Humanas, decidimos executar, com o*

Barbarói, Santa Cruz do Sul, n.59 - número especial, p.<84-112>, Ago./Set. 2021

*objetivo de registrar a existência de um Departamento de Ciências Humanas na UNISC. Mas, também, para impulsionar reflexões sobre Universidade, Universidade Comunitária, as ciências humanas na formação universitária. Um primeiro momento desse projeto compreendeu a publicação de um número especial da BARBARÓI, com artigos de professores e professoras que, em 2019, atuavam ou já tinham atuado no Departamento de Ciências Humanas. Nesse segundo momento, então, nossa proposta é construir um relato coletivo sobre o Departamento, registrando sua história, seus cursos, a participação de seus professores na gestão da UNISC. E decidimos entrevistar alguns colegas ou ex-colegas, escolhidos pelos vínculos que tiveram/têm com os cursos do Departamento ou, então, pela participação política na UNISC. Além das entrevistas com esses colegas, a proposta é publicar entrevistas com quem assumiu a Reitoria da UNISC, desde sua criação: republicaremos um artigo do professor Wilson, inicialmente publicado no número 0 da BARBARÓI, e entrevistaremos, além da senhora, os professores Luiz Augusto e Vilmar Thomé.*

*Nossas entrevistas, professora Carmen, seguem um roteiro previamente construído. Nesse roteiro procuramos provocar reflexões sobre as trajetórias profissionais na UNISC; sobre a experiência de Universidade Comunitária, os desafios e os limites implicados nessa experiência histórica de construção das instituições universitárias no Brasil; sobre a crise da Universidade, em especial a Universidade Comunitária, na atualidade; sobre a participação do Departamento de Ciências Humanas na construção histórica da UNISC, a atual dissolução do Departamento e sua “imersão” numa nova estrutura organizacional na UNISC; e, é claro, sobre as humanidades na formação universitária, em especial e considerando a experiência de Universidade Comunitária. Então, a proposta é que possamos conversar sobre essas questões.*

*Pois bem. Vamos propor então, professora Carmen, que você inicie com sua trajetória profissional na UNISC. Em que momento a senhora chegou na UNISC, quais os principais momentos em sua trajetória profissional na Universidade, qual a avaliação que faz hoje dessa trajetória enquanto professora e, principalmente, enquanto gestora da Universidade?*

**Carmen Lúcia de Lima Helfer:**

Primeiro, meus agradecimentos pelo convite, pela deferência, pela oportunidade de falar sobre os temas que estão propondo. São 35 anos na UNISC e me sinto participante de uma história que é comum, que é construída coletivamente.

Minha história na UNISC iniciou em 1978. E eu vou contar uma particularidade: eu queria fazer Ciências Sociais e eu fiz vestibular na UFRGS para Ciências Sociais. Naquele período, eu ainda morava em Candelária. Mas também tinha vestibular na UNISC para Ciências Sociais e Jurídicas. Daí eu pensei: “vou fazer, quem sabe esse curso vai atender minhas expectativas”. Mas isso ainda em 1978, período da ditadura militar, ainda num contexto em que o foco do curso não tinha essa ênfase no social. Eram Ciências Jurídicas. Eu entrei, em 1978, no curso de Direito, quando tinha 18 anos. Eu era a mais nova da turma, numa turma que entrou junto e se formou junto, porque era sempre matrícula integral. Eu me adaptei muito à turma e gostava do curso, e então eu terminei o curso de Direito.

Mas eu tinha magistério no Ensino Médio e fiz concurso para trabalhar como professora estadual e logo fui nomeada. Isso em Candelária ainda. Comecei a dar aula no Colégio Guia Lopes. Daí o que aconteceu? Quando eu me formei em Direito, eu já era professora. E já era professora concursada. E sempre gostei de dar aula. Não era o que eu queria, na minha primeira ideia, mas foi onde eu comecei a minha trajetória profissional. E eu me formei em Direito, em 1982, mas nunca advoguei. Eu sou Bacharel em Direito, formada na turma de 1982, pela FISC.

Não foi uma decisão difícil optar pelo magistério. E não foi porque o Direito me dava uma formação que eu achava mais interessante e aberta do que a própria Pedagogia. Minha mãe, na época, fazia Pedagogia de manhã e eu vinha à noite cursar Direito. Eu fui uma aluna de ônibus diário, por isso também entendo essas dificuldades de muitos de nossos estudantes hoje. Eram estradas sem asfalto, era pedra, era chuva, era pó, era barro. Mas eu me achei na formação, que é uma formação geral cidadã, e fui uma boa aluna do Direito. Me formei, continuei professora, e em 1983 eu mudei para Santa Cruz do Sul. Desde então moro aqui em Santa Cruz do Sul. E eu, quando cheguei aqui, fui dar aula na Escola Ernesto Alves de Oliveira.

Eu era formada no magistério e, portanto, dava aula para as séries iniciais, do ensino fundamental. E daí o que aconteceu? Fiquei um ano na Escola Ernesto Alves e no final do ano eu fui convidada, tanto pela professora Helga quanto pela professora Mirian Burgos, para trabalhar na Escola Educar-se. Isso foi em 1983, no final daquele ano. Eu fiquei muito feliz com o convite, porque era uma escola nova, uma escola que estava propondo uma educação diferenciada, e eu fui convidada para dar aula nas séries iniciais. Então, em 1984 eu começo meu contrato com a APESC. Em março daquele ano eu tive minha carteira de trabalho assinada, como APESC e cedida pelo estado. Na Escola Educar-se tive uma experiência maravilhosa, porque tínhamos formação, e foi ali que eu comecei a conhecer a Universidade, comecei a conhecer as pessoas com as quais depois iria participar da própria criação da UNISC. Conhecer pessoas como, por exemplo, o João Pedro, o Caco, o Luiz Augusto, o Edgar, entre outros.

#### **Entrevistadores:**

*O registro desses nomes é muito interessante. São relações longevas. Tem colegas que estão na UNISC há quarenta anos.*

#### **Carmen Lúcia de Lima Helfer:**

Por isso que eu digo que é DNA, é visceral essa relação. Porque quando eu entro na Educar-se, cedida pelo estado, morando há um ano em Santa Cruz, essa experiência me faz entender melhor os professores que vieram de fora. Um ano em Santa Cruz e sou convidada pelo meu trabalho realizado no estado, pela qualidade do trabalho. E eu prontamente disse sim. Porque era uma coisa nova, uma visão de educação que eu acreditava, porque a minha formação no Medianeira foi bem tecnicista. E eu brigava o tempo inteiro com as professoras dizendo que aquilo não era dar aula. Não podia ser dar aula.

Pois é. Quem eram as pessoas naquela época. O professor Elenor, diretor da Escola Educar-se; a professora Helga, que era e é, até hoje, professora da UNISC (ela era da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras). Além deles, tinha a professora Derci, a professora Elisabeth, a professora Maria. E eu assisti, em 1980, o ato de transformação de Faculdades Isoladas para Faculdades Integradas, por ser aluna do Direito. Porque todos os alunos foram chamados e foram avisados que, a partir de então, nós seríamos Faculdades Integradas.

**Entrevistadores:**

*Num momento em que o diretor das Faculdades já era o professor Wilson?*

**Carmen Lúcia de Lima Helfer:**

Sim. O Wilson foi o primeiro diretor das Faculdades Integradas. Foi ele que anunciou, inclusive, no alto da escada (eu estava lá embaixo).

A Escola Educar-se começou com o diretor Elenor, a professora Helga, a professora Miria, os departamentos existentes na época davam uma assessoria aos professores. Nós iniciamos com o Jardim A, Jardim B, primeiro, segundo, terceiro e quarto anos, e o primeiro ano do Ensino Médio. Então, foi implantando-se gradativamente. Era um time, bota time. A Sandra Mayer, da Educação Física, e o ensino médio começou a contar com quem: com o professor Caco, com o professor João Pedro. Na área da História, também era meu colega, hoje não está, o Jorge Cunha, que hoje é professor da Federal de Santa Maria, e que foi diretor da escola.

Então, eram nomes que circulavam nas faculdades, na área das licenciaturas e no ensino básico, e que acabavam nos dando uma assessoria. Eu posso dizer, assim, tranquilamente: foram anos onde eu fiz a minha formação superior na prática. Porque a gente lia muito, estudava novos modelos pedagógicos, e tem que considerar que naquele momento aconteceu a abertura política no País, 1984, 1985. Então, vínhamos nós, jovens professoras, numa proposta do Educar-se, que era educar-se a si, com um propósito de desenvolver tanto o individual quanto o coletivo, num tempo de abertura política. Foi um tempo muito bom.

**Entrevistadores:**

*Nessa época, a discussão sobre a criação de uma Universidade já estava presente ou vai acontecer mais tarde?*

**Carmen Lúcia de Lima Helfer:**

Na verdade, desde 1986, sim, havia interesses e a gente ouvia esse desejo. Mas não participei diretamente. Só a partir de 1990, quando eu venho para cá, FISC. Então, entre 1984 e 1989, eu trabalhei como professora dos anos iniciais, e ali eu já me permiti pegar turmas da segunda, terceira e quarta séries. Eu nunca me contentei em ficar só com uma turma. Eu gostava de mudar. Nós tínhamos uma turma de professores cedidos, de primeira a quarta série, naquela época era quarta série, e foi implantando-se gradativamente a escola até chegar, no que ela é hoje, uma escola completa.

A Escola Educar-se foi se ampliando aos poucos. Primeiro, foram implantadas as séries iniciais, até a quarta série, depois a quinta, depois a sexta, depois a sétima. Um exemplo próximo é do meu filho Matheus, que entrou no Jardim e terminou no terceiro ano do ensino médio. Então, é um exemplo que eu digo, assim, da implantação da Educar-se. E, quando foi 1989, eu fui convidada, então, pela professora Helga e pela professora Maria, que era diretora, para coordenar o curso para docentes leigos, um programa de integração da FISC com as Secretarias Municipais de Educação da região. Olhem só, para titular professores que não tinham formação no ensino médio. Hoje nós temos o PARFOR, que atende às necessidades de professores que não têm curso superior. Em 1990, tínhamos em torno 300 professores da região sem formação em nível médio de magistério. Então, eram aqueles professores que davam aula para quatro séries, multissérie, e eram do interior dos municípios.

Eu assumi esse projeto. Foi quando começou uma história mais intensa de relação com os professores do Departamento de Educação, que era também de Ciências Humanas e Psicologia. Eu fiquei nesse projeto até 1992, mas vamos ainda falar sobre. Naquele período, o professor João Pedro era coordenador do curso de férias e eu era coordenadora dos cursos para docentes leigos. Eu aprendi muito com o João Pedro, porque o João Pedro escutava os alunos dos cursos de férias, também eram alunos que passavam bastante dificuldades, que vinham para cá para fazer a sua formação, nos meses de janeiro, de fevereiro e de julho. Era calor, era frio, às vezes, era fome. E o curso dos leigos era a mesma coisa, o perfil era o mesmo. Muitos deles, depois, fizeram faculdade conosco.

Isso 1990, 1991, 1992, 1993 até 1994. Por que daí, a Carla entra no Departamento de Educação, em 1992 e eu vou indo para a extensão. Em setembro, acho que nós iniciamos com cinco turmas de professores leigos. Tinha uma coordenadora da Secretaria Municipal de Educação de Santa Cruz, que era o principal município, e ali nós contatamos, de novo, com professores da Universidade e fora dela para dar aula no curso dos leigos. Então, por exemplo, o professor Edgar dava Filosofia, a professora Rita deu aula de Psicologia e assim por diante. Se não tínhamos professores das Letras, diretamente envolvidos, eles indicavam professores do Estado, porque se pagava os professores pelo número de horas dadas. Então eles davam aula aqui também.

Alguns professores que ainda estão na UNISC davam aula naqueles cursos. Alguns professores da Educar-se davam aula também, porque era janeiro, fevereiro e julho. E era contrato de prestador de serviço. Ali nós formamos mais ou menos trezentos e poucas pessoas em magistério no ensino médio. E o mais bacana foi ser a coordenadora que viajava até as escolinhas do meio rural para observar o trabalho das professoras e professores. Foi muito interessante porque eu conheci todo o interior de Santa Cruz do Sul.

#### **Entrevistadores:**

*Pode-se dizer que os cursos tinham um compromisso regional.*

**Carmen Lúcia de Lima Helfer:**

Isso. Um caráter regional, pois foi quando Vale do Sol e Sinimbu, ainda pertenciam à Santa Cruz do Sul. Eu viajei para Sinimbu pertencendo à Santa Cruz, Vale do Sol, Gramado Xavier... de todos esses lugares nós tínhamos professores estudando aqui. E a importância daqueles cursos, porque os professores não tinham magistério, já estavam atuando, eram professores que tinham que estudar em períodos de férias, não podiam se deslocar para fazer o magistério durante o ano porque já trabalhavam.

E muitos daqueles professores depois seguiam estudando, faziam uma faculdade. Por que o que acontecia na época? Nós tínhamos um *boom* de alunos no curso de férias, esse *campus* ficava lotado de gente. E muitos professores, vindos de diferentes lugares.

Os cursos ocorriam no *campus* e no centro. A História e a Geografia eram lá no centro, Letras era lá; Pedagogia já era no *campus*. Então assim, Matemática e Biologia eu acho que também era no *campus*, metade lá por causa dos laboratórios. Então o que acontecia? Havia um trânsito com os professores dos departamentos das licenciaturas. Vicentini, quem não lembra do professor Vicentini? Ele era professor dos dois, do departamento de Letras e dos docentes leigos. Ensinou muita gente a escrever e a ler, mesmo no ensino médio. Então, foi aí que eu comecei a me relacionar mais ainda com os professores dos departamentos ligados às licenciaturas. Em 1992 o professor Campis me convidou para ser assessora da extensão.

**Entrevistadores:**

*Bem. Daí já entramos numa outra fase. É importante ouvir sobre essa aproximação com o ensino superior, com a UNISC. Por que até então sua relação era mais pontual, pode-se dizer, mas pode-se imaginar que já estava se formando naquele período uma ideia do que seria uma futura Universidade (na época ainda faculdades) e dos espaços de atuação daí decorrentes.*

**Carmen Lúcia de Lima Helfer:**

Pois é. Eu esqueci de contar uma parte minha. Como eu me formei em Direito, eu era uma professora de magistério do ensino médio, porque o Direito não validava. Aí o que eu fiz: enquanto estava na Escola Educar-se, simultaneamente, fiz o Curso de Formação Pedagógica na UNIVATES. Eu ia todo final de semana para lá, professores maravilhosos, maioria eram da PUC. Hoje se fala nesse curso com 900 horas, eu tive 2.400 horas, como se fosse uma licenciatura. Então eu fiz isso e fiz pós-graduação, uma especialização em Currículo, aqui mesmo. Para quê? Para, já que eu não queria ser advogada, me fortalecer naquilo que eu fazia. Então, em 1990, eu já tinha formação e eu já tinha especialização, que já era um requisito. Eu até 1990 estava na Educar-se.

E aí o que aconteceu? O curso de docentes leigos, que foi um curso grande, porque o ensino médio era de três anos. Tinha um que era para quem já tinha passado o ensino médio, que era um ano só. Teve várias turmas. Então, a gente interagiu muito com as escolas de educação básica. Principalmente da rede municipal. E daí quando eu fui convidada, eu já tinha formação em nível de especialização. E, em 1992, eu dei a minha primeira disciplina de

Metodologia de Ensino no Curso de Pedagogia, que até então a professora Helga lecionava, e foi me passando disciplinas dela.

**Entrevistadores:**

*Quem estava na direção das Faculdades naquele momento?*

**Carmen Lúcia de Lima Helfer:**

O professor Wilson Kniphof da Cruz, era o diretor-geral, e tinham os superintendentes e os coordenadores de extensão ainda em 1992. O professor Luiz Augusto foi o primeiro coordenador de extensão. Em 1986 foi criada a coordenação de extensão. E já havia o Projeto de Educação Popular, com a Irmã Delvina, depois veio a colega Susana, que eram colegas de departamento. E a partir de 1990 já foi um período intencionalmente preparado para sermos Universidade.

**Entrevistadores:**

*Em sua opinião, naquela época já havia consciência desse movimento que resultaria na criação da UNISC?*

**Carmen Lúcia de Lima Helfer:**

Sim, claro! Claríssimo. Onde eu tinha evidências disso: num plano de capacitação docente para professores titulares em nível de mestrado e doutorado. Eu me lembro como se fosse hoje, o professor Inácio se preparando para ir para a França. Para fazer o seu doutorado. Tem uma peculiaridade, eu fui madrinha do casamento do Inácio, porque ele precisava casar rápido, para viajarem e residir na França. Então, ali, nós éramos menores em número de professores, mas certamente havia todo um preparo, e as pessoas já estavam vivenciando um clima de se tornar Universidade. Em 1991, 1992, 1993 tinha uma comissão de instalação que fazia visitas permanentes, deixava as tarefas e, indiretamente, eu participava no departamento. Quem era diretora era a Professora Maria Hoppe Kipper, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. E na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras tinha os departamentos: Departamento de Ciências Sociais, Departamento de Letras, Departamento de Educação, Departamento de Ciências.

Química também. Ali estavam os professores Edson e Batista. Eles eram desse departamento. Aí, olha só: a Liane e a Cláudia faziam Química e Física, faziam Ciências, mas já eram professoras do Educar-se. A Sandra Mayer estava terminando a ESEF, começou como estagiária da Educação Física, depois professora. E eu coordenava um curso que foi um grande programa de extensão, um programa que licenciava ensino médio.

**Entrevistadores:**

*O que foi importante para sua integração na equipe de extensão naquele período.*

**Carmen Lúcia de Lima Helfer:**

Eu tenho quase certeza que o Luiz Augusto me convidou por causa disso. Porque eu estava me relacionando com as Secretarias Municipais de Educação.

Mas voltando, sobre as evidências de um movimento já consciente de construção da Universidade. Tinha outra evidência. Nós precisávamos ter pesquisa, ensino e extensão. Então, nós fomos, primeiro, uma instituição de ensino. Em seguida a extensão foi crescendo na medida em que foi avançando o projeto de Universidade. E, em 1992, eu fui convidada para ser assessora. Lembram da Mariza Christoff? Ela foi a primeira assessora de extensão. Aí eu fui trabalhar na Pró-Reitoria, com, 20 horas, porque nas outras 20 horas tinha a Coordenação do Programa de Docentes Leigos. Então, a Marisa já estava, aí eu entrei e, em seguida, veio a Susana Ramos.

Na época era assessora técnica. O Rogério era o coordenador de extensão e o Luiz Augusto já era Superintendente de Pesquisa e Extensão, junto com o Wilson, que era Diretor da FISC. Era no bloco 06, perto da sala do Wilson. Eu trabalhava à tarde, o Rogério era o Coordenador de Extensão, o Sílvio era Coordenador de Pesquisa, e o Luiz Augusto era o Superintendente.

Depois o Rogério foi para o seu mestrado, em Florianópolis, em 1994. Aí o Luiz Augusto me convidou para ser a coordenadora de extensão. Em 1994 eu fiquei todo o ano no lugar do Rogério. Então, a Susana e a Mariza trabalhavam com a extensão, o Sílvio trabalhava com a pesquisa e eu fiquei um ano na coordenação de extensão. E foi muito legal, assim, porque houve uma expansão muito grande dessa relação com as escolas e com os departamentos ligados às licenciaturas e humanidades.

**Entrevistadores:**

*Certamente, naquele período os desafios da extensão já eram grandes, pois, além daqueles já colocados no campo da educação havia outros departamentos, outras áreas do conhecimento.*

**Carmen Lúcia de Lima Helfer:**

Sim. Os próprios departamentos começaram a ampliar as relações com as escolas. Havia uma grande relação do Centro de Ciências com as escolas. E havia todo um projeto para um programa de educação científica. Vocês lembram das feiras de ciências? Havia também a formação de professores para lecionar Ciências Naturais, Química, Física, Matemática. Eu fiz muitos cursos desses. Porque o bom de ser professora da Educar-se é que participava de todas as atividades formativas. E foram anos de muita intensidade do conhecimento na FISC. Era um momento importante, de abertura política, discussão de rumos diferenciados para a educação, e foram muitos eventos importantes, porque ao mesmo tempo capacitava para uma abertura das cabeças também. Muitos professores de fora vinham para cá. Nós tínhamos os professores, todos da especialização, de Santa Maria. Excelentes professores da UFSM. Então, pulsava muito estudo e eventos aqui. A professora Virgínia já era do departamento de Ciências Humanas, professor Luiz Augusto, professor Caco, professor João Pedro. Havia um embrião que depois participaria da formação dos novos departamentos.



**Entrevistadores:**

*O que é importante, pois estamos falando dos meios através dos quais os grupos se formam, de como determinadas equipes vão se constituindo e criando condições para acontecimentos posteriores.*

**Carmen Lúcia de Lima Helfer:**

Sim. O que acontece é que os departamentos sempre foram os núcleos de professores. Então, para eu buscar um professor de Português, falava com o chefe de departamento. Se não tinha professor dos departamentos, eles indicavam os melhores professores da rede básica ou os recém-formados, muito bons. Professores excelentes. Muitos professores que ainda hoje estão na UNISC começaram lá. Então, os departamentos sempre foram os núcleos que informava quem iria dar aula. Sempre houve essa ligação. E eu sempre respeitei. Nunca tive autonomia para indicar professores.

E tinha algo que para mim sempre foi muito importante. Era um princípio. Os departamentos eram as menores frações da administração básica. Se havia uma relação com os departamentos, com as licenciaturas, então era ali, também, que havia a formação de quem poderia ser indicado para dar aula nesses cursos. E também fazia extensão logo em seguida. Ocorreu uma relação forte. A minha começa por esse Programa dentro do Departamento de Educação.

**Entrevistadores:**

*Vamos aproveitar esse gancho porque agora a gente entra em um outro campo. Você vem, então, para a extensão, para a assessoria de extensão, assume durante um ano, é um momento de expansão das atividades na educação, inicia sua atuação como professora nas Faculdades, entra na gestão da Universidade. Que mudanças qualitativas ocorrem nesse processo, nesses diferentes momentos?*

**Carmen Lúcia de Lima Helfer:**

Em 1994 muda, é um marco. O Prof. Luiz Augusto me convida para ficar no lugar do Rogério, eu já estava na Pró-Reitoria, já conhecia o trabalho e fiquei por um ano. Em 1993, quando eu já estava na Assessoria, Rogério e eu criamos o Programa Terceira Idade. Então, naquele momento a relação com a comunidade estava se intensificando. É um momento no qual foi criado o Conselho da Mulher, com a professora Lélia, com sindicalistas e com professores da UNISC. Nós fazíamos sessões de cinema, nos sábados à tarde, com as mulheres sindicalistas, o que resultou na criação do Conselho da Mulher. O Programa Terceira Idade levou à criação do Conselho do Idoso. Em 1994 havia uma relação muito forte com o Conselho de Crianças e de Adolescentes e com os Conselheiros Tutelares. Nós tínhamos um programa, também, para a infância. Então, vejam que começa a crescer os segmentos na área social, para além das escolas. E isso tudo na Gestão do Professor Luiz Augusto, que era o Pró-Reitor de Pesquisa e Extensão. O Rogério foi para o mestrado, em 1994 e em 1995 vou

para a PUC, fazer meu mestrado. Daí eu me afastei. Fiquei dois anos fora, pelo Plano de Capacitação Docente da UNISC e com bolsa da CAPES.

O tema da minha dissertação foi a extensão: o papel da extensão na produção e na transformação dos professores que atuavam na extensão. Eu trabalhei com os professores da Universidade que trabalhavam com extensão. Então, foram eles a minha população da dissertação, buscando responder no que o trabalho de extensão modificava o docente. Enquanto professores, mas também subjetivamente. Foi um trabalho bem legal, porque eu sempre fui muito ligada a essa relação com a comunidade. Eu gostava, eu me relacionava bem e a gente construiu um grupo de professores que fazia trabalho de extensão nas escolas. Por outro lado, começou uma ligação da Psicologia e da Educação Física com a área das piscinas e hidroginástica e outras atividades com o segmento da terceira idade.

Nesses tempos, estávamos iniciando atividades que depois tiveram continuidade. Nada foi por acaso. Hoje eu fico muito feliz com as atividades que ainda funcionam e estão consolidadas. E o grande desafio era envolver mais áreas. Porque, com certeza, o papel das Humanidades, do departamento de Ciências Humanas teve uma importância fantástica nisso, neste envolvimento com a comunidade.

Naquele período, temos alguns momentos de destaques. O primeiro foi a questão dos docentes leigos, a relação com os municípios. Me fez crescer muito, conhecer mais Santa Cruz do Sul. Outro momento foi a relação com os prefeitos, com secretários de educação, a desmistificação das relações com o poder público, a percepção de que essas pessoas eram acessíveis. “Bah, vou falar com o prefeito x”. Ficava ansiosa, preocupada. Mas depois isso se desmanchava, porque a gente via que havia um caminho. Quero destacar: havia um caminho para percorrer para nos tornarmos uma universidade da região. Ali já tinha uma missão. Ampliar as relações da universidade com a comunidade e com os diversos segmentos e com as áreas do conhecimento de dentro da universidade. Havia uma intencionalidade do pró-reitor da época, fazer acontecer a relação universidade/comunidade. E eu entrei de cabeça nisso. E eu gostava. Naquela época, em 1994, foi criado o Setor Cultural.

Foi naquele período que a Prof<sup>a</sup> Paula Camboim vem para a Reitoria, para assumir como Coordenadora de Extensão. No setor cultural era o Marcos Melo. Olha quem, e eu digo quem com a boca cheia de orgulho, porque era uma pessoa altamente competente para criar um setor que era uma área a desenvolver enquanto universidade. E foi muito bem desenvolvido. Naquela época a Paula trabalhava no grupo da Mulher e Cidadania, que referi antes. Ao mesmo tempo que fortalecia fora, a gente se fortalecia dentro. Porque você construía conhecimentos, e praticava-se a via de mão dupla, tinha claro que a extensão tinha que ser uma via de mão dupla. A Universidade vai, mas a população vem. E, também, o Programa Educação Popular da Irmã Delvina, que era fantástico o trabalho dela junto aos bairros. Ela era colega de departamento, onde se somavam pessoas com essas ideias e esses princípios e essa intencionalidade: a UNISC quer ser uma universidade comunitária.

E por onde nós começamos? Eu não tenho dúvida que foi pela extensão. Então, esse fortalecimento se deu primeiro com o ensino de graduação sempre foi, a nossa história está

ligada a isso. Depois a UNISC foi uma universidade onde a extensão começou a crescer e cresceu forte. Eu acho que isso marcou muito a minha vida. Saio para o mestrado, estudo dois anos na PUC, no meu terceiro ano, então, fazendo a minha dissertação, eu acabo escolhendo o tema extensão.

Em 1997 veio a professora Eunice Gai, para coordenar a Extensão e eu ainda envolvida com a minha dissertação e a Paula também tinha saído para o mestrado. Nós tínhamos um compromisso institucional de fazer mestrado. Então, só ficaria na UNISC se eu fizesse mestrado, com o título de Mestre. Era um compromisso e, inclusive, com tempo para terminar: 1997. Isso numa condição em que eu dava aula para cumprir as horas. Voltei para o departamento, na época estava com as horas dispensadas para pesquisa e dissertação. Estava dando aula, me lembro como se fosse hoje, numa daquelas salas do Bloco 3, entra o Luiz Augusto e me convida para voltar para a coordenação de extensão. Eu, na hora, disse sim.

Isso em 1997, ele me convida para ocupar, então, o cargo de Coordenadora de Extensão. Ah, me criticaram no departamento, “porque tu tens que fazer a tua dissertação, porque tu vais te atrasar, porque não sei o que”. Mas só que eu achei uma oportunidade ímpar, eu estudando sobre extensão, fazendo um trabalho com os professores e poder praticar tudo aquilo. Eu achava que essa coerência só iria qualificar meu trabalho. Mal sabia eu que naquele semestre a Universidade assinou um convênio, via COMUNG, que aí já estava o COMUNG em ação, para fazer os cursos de educação profissional. Cursos vinculados ao Fundo de Amparo aos Trabalhadores. Mal eu sabia o tamanho daquilo. Porque nós tínhamos que organizar cursos de qualificação básica para toda a região. E nesse meio tempo, já funcionava nesse prédio 25 a extensão, junto com o Prof. Luiz Augusto. Aí eu acabei coordenando todo o FAT. Foi uma trabalhadeira, às vezes a gente saía daqui às três da manhã. Uma noite eu passei acordada fazendo os horários dos mais de cento e tantos cursos naquela época. Para tudo que era lugar, do Alto Taquari, do Vale do Rio Pardo, eram cursos curtos de qualificação profissional, mas tínhamos que organizar. Os participantes ganhavam material, ganhavam alimentação, tínhamos que organizar docentes. Eu quase me vi louca. A sorte é que Susaninha e Mariza eram parceiras. Eu sinto saudade até hoje, porque nós construímos laços fortes, vínculos fortes.

**Entrevistadores:**

*É possível estabelecer alguma relação desse trabalho de formação profissional com a criação do CEPRU?*

**Carmen Lúcia de Lima Helfer:**

Tenho certeza absoluta. Foi o embrião da criação do CEPRU. Nada é por acaso. O FAT acabou fazendo com que a UNISC se relacionasse com o mundo do trabalho, com a educação profissional básica, com várias demandas da comunidade. Havia uma crítica na época: que nós estávamos muito envolvidos com as demandas. Imagina, ir para a comunidade, a comunidade vinha a mil para cima da Universidade. E não responder a comunidade era a Universidade perder uma oportunidade de ter esses municípios com a gente. Aí nós

começamos, também, a fazer assessoria autossustentável. Começamos com projetos orçamentados que passavam pela PROAD. Nessa época o Thomé era o Pró-Reitor, o Egardo era o Coordenador Administrativo. Eu vivia dentro da PROAD, para fazer cálculos dos custos dos projetos. Elaborávamos os projetos, fazíamos os cálculos, adequávamos às possibilidades do município. Era uma negociação permanente, interna e externa.

Mas voltando, em 1997, me tornei Coordenadora de Extensão, até dezembro de 2001. Em 2002 é fundada a Pró-Reitoria de Extensão. Em 1998, o professor Luiz Augusto é eleito Reitor. Até 1997 era o professor Wilson. O Professor Luiz Augusto passou a ser Reitor, eu continuei na Coordenação de Extensão. E o Wilson era o Pró-Reitor de Pesquisa e de Extensão. Então, eu trabalhei diretamente com os dois. Por isso eu digo que a minha formação está relacionada com os três ex-reitores, afirmo que aprendi com os três. O Wilson assumiu a Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão e os ideais de qualificação profissional alimentaram a criação de um Centro de Educação Profissional.

Tem uma conjuntura importante a ser considerada. Abertura política, anos 1990, Lula eleito, Olívio governador. Olívio abriu uma série de possibilidades de projetos de extensão. Antes era o Antonio Brito. É um período de discussão dos parâmetros curriculares do estado, nós capacitamos toda a região nesses parâmetros curriculares, e praticamente a UNISC construiu todos os projetos pedagógicos das escolas. Vocês devem lembrar que eram chamados para participar, foi intenso. Nós estávamos viajando sempre para os municípios. E tem coisas muito legais para contar, tem histórias que ia dar outro livro, as nossas aventuras com esses jovens municípios, que não tinham estrutura nenhuma. A UNISC não tinha dinheiro, eles vinham nos buscar com o carro da prefeitura e salve-se quem puder! Um dia nós fomos a Gramado Xavier, eu e a Carla, numa caminhonete sentada ao lado do motorista, eu no meio, e a Carla. E a estrada tinha muita pedra, e o cara corria, corria, corria. Eu pensei que não íamos chegar, eu só me lembrava dos meus dois filhos em casa. Chegamos em Gramado Xavier! Um frio, um frio... ficamos em uma pousada. E fizemos toda a nossa capacitação, de passar o dia inteiro junto aos professores municipais. Outra vez foi Passo do Sobrado. E os motoristas nos levavam, e a gente travava amizades.

### **Entrevistadores:**

*Seu relato, inclusive por sua participação direta na área, está muito vinculado à educação, com as atividades realizadas junto a comunidades escolares, a gestores da educação na região. Mas, com a criação da UNISC, outros cursos, outros departamentos já tinham maior importância. E certamente já tinham atividades de extensão. Enquanto coordenadora de extensão e depois como Pró-Reitora, que desafios e possibilidades essas outras áreas traziam no que diz respeito à extensão?*

### **Carmen Lúcia de Lima Helfer:**

Em 1993 nos tornamos Universidade. Naquele ano eu estava entrando para a coordenação, estava dentro da Pró-Reitoria. Se tem uma coisa que naquele ano e naqueles tempos era visceral, vou repetir essa palavra, visceral, era o nosso compromisso em tornar a Universidade

comunitária. Era um povo altamente comprometido com esse ideal. Então, nós fazíamos de tudo para dar certo. E nesse tempo, o que é que se fez: as superintendências viraram Pró-Reitorias. Então, era o reitor, professor Wilson, e o vice era o Professor Luiz Augusto. Já 1993/2, vem o curso de Psicologia, de Informática, e de Enfermagem. Começa a expansão da Universidade. E aí eu até me emociono porque a gente acompanhou tudo isso. Com o professor Luiz Augusto, Pró-Reitor, começa a preocupação com o desenvolvimento da pesquisa. E em 1994 nasce o 1º mestrado em Desenvolvimento Regional, um programa interdisciplinar, que foi o primeiro no Brasil. E a luta para implantar, porque era algo novo, como também desconhecimento da CAPES, deste tipo de Mestrado.

Esse programa foi o primeiro na área. Em 1994, ocorreu a implantação. E eu continuei trabalhando na coordenação de extensão. Aí o professor Wilson assumiu a Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão em 1998, e eu continuo trabalhando como coordenadora de extensão. E tudo crescendo, pois já tinha cursos de qualificação profissional, já tinha um Programa de Terceira Idade consolidado, começam programas de pós-graduação na Universidade, Programa Universidades-Empresas, Redes de Cooperação, todos financiados pelo Governo do Estado.

#### **Entrevistadores:**

*Aproveitar sua fala para perguntar sobre a importância do professor Wilson na sua trajetória: que influência o professor Wilson teve?*

#### **Carmen Lúcia de Lima Helfer:**

Sim. O professor Wilson, era muito determinado. Ele tinha uma certeza, queria tornar a UNISC uma grande Universidade. E arrojado, porque decidia “vamos criar curso x, vamos criar curso y”. E houve uma grande expansão no período entre 1994 e 1998, eu diria até os anos 2000. Éramos um parque de obras, isso é verdadeiro. Foi financiamento do BNDES, que ajudou a expansão de cursos na Área da Saúde, Arquitetura e Engenharia. Foi pulsando uma grande expansão. Voltei, em 1997, já tinha Engenharia Agrícola, já estava em estudo a Engenharia de Produção, já tínhamos a Fisioterapia, Nutrição, Arquitetura. A UNISC foi só crescendo. Muito rápido.

Então, a influência, é que ele sempre era favorável à expansão. E como era bom, tinha dinheiro. Eu também vivi outras fases, que não a que nós estamos vivendo hoje que talvez seja a pior, mas também ocorreram fases difíceis. Então, o Wilson vira Pró-Reitor, continua a expansão dos mestrados, ele tinha muito foco nisso, foi criada a Coordenação de Pós-Graduação *Lato Sensu*, que a professora Liane M. Kipper assumiu. Tinha a professora Eunice Piazza Gai, da Pós *Stricto Sensu*, tinha o professor Rogério, da Pesquisa, e eu coordenava a Extensão. Era essa a configuração da Pró-Reitoria, com o Wilson também. E o Luiz Augusto como Reitor. Nos anos 2000, as licenciaturas, que tiveram grande impulso nos Cursos de Férias, já começam a dar sinais da diminuição. Começa uma expansão da área da saúde e das engenharias, a área dos mestrados, doutorados. Então, eu qualifico como uma grande expansão da UNISC do período entre 1993 e 2005, quando entra a primeira crise das

privadas e do EAD. Então, a extensão cresce nos vários segmentos, de tal modo que é pensada uma estrutura própria da extensão. Em 2002, então, foi criada a Pró-Reitoria de Extensão e Relações Comunitárias, da qual eu fui a primeira Pró-Reitora.

### **Entrevistadores:**

*Vamos considerar esse momento de posse como Pró-Reitora de Extensão. As informações da estrutura do COMUNG, da ideia de luta pelo ensino superior comunitário, essas ideias já estavam presentes em sua trajetória, em seus modos de pensar a própria Universidade?*

### **Carmen Lúcia de Lima Helfer:**

Quando o Wilson era Reitor, eu já participava no COMUNG. Porque o COMUNG foi criado em 1996, e o Wilson participava como Reitor. Tenho que deixar claro, a UNISC sempre participou desses movimentos, das lutas coletivas. O Wilson, depois o Luiz Augusto também foi presidente do COMUNG. O FAT foi oriundo do COMUNG. Nessa época, foi criado o Programa de Integração da Universidade com a Educação Básica, o PIEB. Lembram? Que até pouco tempo atrás ainda existia. Eram as quinze instituições do COMUNG, participando de formação de professores e de serviços de extensão na comunidade escolar. Ali houve ações coletivas do COMUNG, teve produção coletiva, nós tivemos, por muito tempo, coordenação disso. Eu fui à primeira reunião do PIEB, que foi lá em Pelotas. Eu era uma criança perto daquelas professoras bem mais velhas. Eu pensei, cá comigo, “o que é que eu estou fazendo aqui”? Mas a nossa Universidade era muito jovem em tudo. Nós tínhamos que nos mostrar presentes. Mas, ao mesmo tempo, tínhamos que conquistar a importância de Universidade, isso não era tão fácil para as mais antigas, que se sentiam meio donas. Também tínhamos que conquistar um lugar, de competência, de reconhecimento, e eu acho que a UNISC fez muito bem isso ao longo da trajetória com os seus reitores. Todos, todos contribuíram.

Retomando, minha passagem pela Pró-Reitoria de Extensão, em 2002. Ali houve uma expansão muito forte e, ao mesmo tempo, uma autonomia maior para a extensão. E eu convidei a Prof<sup>a</sup>. Paula para ser a Coordenadora de Extensão. Vocês estão presenciando que está transitando na minha fala a importância das Humanidades. O reitor era das Ciências Humanas, a coordenadora das Humanas, eu era do Departamento de Educação. As ciências humanas sempre tiveram um lugar de destaque na trajetória histórica desta Universidade. Depois veio o Caco, como Pró-Reitor de Planejamento; nesse período do Reitor Luiz Augusto, foi criada a Pró-Reitoria de Planejamento e Desenvolvimento Institucional, em que depois o João Pedro foi o Pró-Reitor.

E, em 2005, termina o mandato do professor Luiz Augusto. E se iniciam as gestões do professor Thomé, entre 2006 e 2013. Em 2005 me preparei para sair da Reitoria, eu achei que ia sair, não estava esperando um convite para ir para a Pró-Reitoria de Graduação.

E aí eu digo que é um marco na minha vida. É um marco porque, eu digo para todos, quem passa por ali pode ser Reitor. Porque é uma Pró-Reitoria pesada, é uma Pró-Reitoria em que também peguei a expansão dos cursos, a avaliação de cursos, trabalhei muito na avaliação de reconhecimento e renovação de reconhecimento dos cursos, para que a UNISC ficasse com

um bom conceito avaliativo. Foi naquele momento que ganharam forças os mecanismos de avaliação, o programa de avaliação institucional. E isso fez com que a gente tivesse uma cultura de avaliação muito forte. Avaliação de cursos aqui e nos *Campi* de Sobradinho, Venâncio Aires e Capão da Canoa.

**Entrevistadores:**

*Já havia uma cultura de avaliação ou isso se constitui nesse primeiro momento, quando você assume a Pró-Reitoria de Graduação?*

**Carmen Lúcia de Lima Helfer:**

Sim, já tinha. Eu fortaleci, não tenho dúvida. Porque quando eu entrei já tinha o NAIG, que era o Núcleo de Avaliação Institucional da Graduação. Porque havia uma política pública, capitaneada pelo MEC, vinculando resultados, reconhecimento, renovação de reconhecimento, supervisão, qualidade e conceitos. Então, tudo isso veio se desenvolvendo. E, como Pró-Reitora de Graduação, para mim foi um marco da minha carreira de gestora. Foi ali, quando nós entramos em 2006, que começamos a enfrentar a nossa primeira crise. Foi o término dos nossos cursos de férias, já início do EaD, a ULBRA já era uma concorrente respeitável, porque ela se expandia, se expandia muito, e nos afetava na sua expansão. Também começaram a UNINTER, a UNOPAR, cresceram na oferta de cursos EaD, e nós enfrentamos uma crise financeira grande em 2007. Vocês devem lembrar disso: em 2007 fizemos todo um acordo para a redução de salários, cortes lineares muito grandes, que nós vencemos. E por isso que eu acredito que vamos vencer a atual também. Nós vencemos porque continuamos uma rigorosa gestão financeira, enquanto uns cursos deixavam de existir, nós procurávamos colocar outros para que pudéssemos garantir a expansão e manter a receita da graduação que é uma das principais receitas, ou melhor, a principal receita da Universidade.

É um período em que a Universidade se expande muito na pesquisa, começa a consolidar a pesquisa, a extensão continua existindo, tudo que se criou se manteve, com um pouco de mudança, em especial, nesse período após 2000, a expansão dos cursos *Stricto Sensu*.

**Entrevistadores:**

*Bem, agora já contemplamos o período em que você foi Pró-Reitora de Graduação. É um período, como você registrou, de crescimento de cursos, de expansão da Universidade, certamente um período de mudanças nos próprios cursos de graduação. E como você disse, a Pró-Reitoria é uma “prova de fogo”, quem passa por ela tem condições de assumir como Reitor/Reitora. Por que é também um espaço de discussão com as diferentes áreas disciplinares, de negociação com coordenadores de curso, com chefes de departamento. É um espaço de desafio e de discussão do próprio projeto político-pedagógico da Universidade, enquanto projeto que precisa dialogar, mas, também, dar diretrizes para os projetos dos diferentes cursos. Como foi essa experiência, como discutir uma política de graduação em*

*contextos que, muitas vezes, os cursos pretendem e necessitam de maior autonomia para organizarem suas próprias políticas curriculares, pedagógicas?*

**Carmen Lúcia de Lima Helfer:**

A expansão ocorreu principalmente na área da saúde e na área das engenharias. Tivemos a criação dos cursos de Serviço Social, Filosofia e Ciências Sociais. Em 2006, é implantado o curso de Medicina. E isso fez uma diferença fantástica. Foi uma conquista da gestão do professor Luiz Augusto, embora a implantação foi na gestão do professor Thomé, comigo na graduação. Ele já foi construído com um projeto pedagógico diferenciado. E nós tínhamos que criar, sim, uma política de graduação. E, naquela época, nós fizemos um grande trabalho, de coleta de dados de todas as áreas do conhecimento, no sentido dessa construção. Foi feito um grande diagnóstico da graduação. Quem éramos, o que tínhamos e para onde íamos. Desse diagnóstico, que envolveu todos, o César participava da comissão, ele há de lembrar, nós criamos dez políticas que são até hoje as políticas que existem.

Envolvemos a comunidade interna nesse diagnóstico. Tínhamos clara a direção, para onde crescer e como. A partir daquilo, nós tínhamos mais delineado o caminho a percorrer. E o que aconteceu? Nós tínhamos reuniões por áreas, onde conversávamos. Já se mostravam cursos que tinham muitos alunos e cursos que tinham menos alunos. E iniciou uma grande queda nas licenciaturas. E isso foi o primeiro marco da minha vida, no sentido de criar um currículo integrado entre as licenciaturas para dar conta da oferta. E nós mantivemos, até hoje, dez licenciaturas. Nessa época, os cursos de Filosofia e de Ciências Sociais caíram muito na demanda, na procura. Concluímos o curso de Filosofia e não ofertamos mais, porque não havia interessados. E já começavam a se delinear sinais da necessidade de sustentabilidade institucional, que não podia se perder. E aí se estabelecem parâmetros de oferta: menos de 20 alunos não poderia ter oferta de vestibular. Porém, o que aconteceu? Com esse primeiro estudo de integração e flexibilização das licenciaturas, nós demos uma vida, um sopro, porque até agora elas estão sobrevivendo. Mas nem tudo deu certo nessa integração.

**Entrevistadores:**

*Mas, naquele momento, havia uma avaliação de que a Comissão que foi criada poderia ter avançado muito mais do que avançou na discussão da integração de um projeto de graduação. Isso aconteceu?*

**Carmen Lúcia de Lima Helfer:**

Aconteceu. Foi um ano de muita discussão, e aí começa, e acho que não precisamos ter filtros, começamos a ter delineamentos, delinear-se uma disputa de áreas, começam a se constituir, assim, as áreas específicas sobre as áreas humanas. E eu lembro que nós não tínhamos um percentual, por prática política de gestão, nós não deixávamos fechar disciplinas das humanidades. Mas já havia sinais fortes dessa questão, porque começou a ampliar os departamentos, ampliar o número de cursos, o número de alunos vai para 11.600, em 2013/2014. E o que se começa a se ver? Que, de fato, começa a disputa e a defesa dos seus nichos de conhecimento. Não tem como não dizer isso. Foi e ainda tem. Nós já constituímos,



no Regimento, a formação da UNISC, que deveria se caracterizar em formação geral, formação por área. Já havia esse delineamento, mas não era praticado; o estudo mais recente, que resultou na Reinvenção, resolveu isso. Então, afirmo que o período de graduação na minha vida foi, de fato, que me preparou bem mais para o cargo de Reitora, porque eu lidava com interesses corporativos bem maiores dentro da Universidade. E tinha que se fazer brigas maiores. Sobre a extensão, quando eu saí, eu dizia assim “ela é feminina, ela é leve, solta e livre”. E eu fui para a graduação que era altamente engessada. Eu tinha que lidar com todas as regras do MEC, porque para tudo tinha uma resolução interna ou externa.

Então, a graduação me ensinou a trabalhar com limites. Com limites impostos, diretrizes curriculares, era preciso seguir uma avaliação, que tinha um instrumento a ser seguido. As regras mudavam muito e rápido. E nós engessamos demais a graduação com leis. E eu tentei minimizar isso, porque não precisa para tudo ter uma resolução. É preciso fazer a gestão com flexibilidade.

Quando eu digo, assim que a extensão é feminina, é porque ela era mais leve, mais solta na época, e eu me deparei com um grande problema que foi a legislação. E aí isso me causou um impacto. Como você transita, flexibiliza, no meio de tantos limites? Mas eu aprendi. Eu aprendi. Eu me adequiei, e tem uma coisa que eu tenho que destacar: a graduação é aquilo que eu gosto de fazer. Trabalhar com educação. Tem a gestão, mas se está trabalhando com um processo de transformação. Se está trabalhando num lugar que tu tens em vista a missão, a visão da Universidade, os valores da Universidade. Eles estão pautados, eles têm que ser praticados.

Mas nem tudo dá certo. A gente sabe que muita coisa está no papel, está no discurso, mas não está na prática. E, às vezes, eu tinha que lidar com situações difíceis, nas implantações de curso, na questão, também, dos departamentos ajudarem muito na avaliação dos cursos, que tinha que ter doutores de tempo integral para contar para o ENADE, para o IGC. Então, havia um trabalho político entre o cumprimento de horas do professor e o que a Universidade precisava. E aí foi a minha primeira missão e uma experiência de embate, porque, de vez em quando, eu descia e dizia “olha, eu preciso de tal, não vai fulano, vai o sicrano. Não tem como”. A UNISC precisa disso.

E isso, me fortaleceu um pouco. Um pouco não, bastante. A implantação de políticas, os conceitos da UNISC cada vez crescendo mais, cursos se consolidando, a Medicina implantada, o trabalho com os interesses: “aqui você é professor, você não é advogado, você não é médico, aqui você é professor que trabalha numa instituição de educação”. Isso foi um crescimento pessoal e profissional muito grande, de maturidade na minha vida.

### **Entrevistadores:**

*E ser Reitora?*

### **Carmen Lúcia de Lima Helfer:**

O que vocês querem saber?

### **Entrevistadores:**

*Nós queremos saber dessa experiência. A primeira mulher que é Reitora na UNISC. Mas, também, a partir de seu relato, num momento em que, pessoalmente, já tinha muito acúmulo enquanto gestora da Universidade. Saber como esse “projeto”, inclusive pessoal, foi sendo construído, como ele se efetivou e o que ele representa, sem dúvidas são questões da maior importância.*

### **Carmen Lúcia de Lima Helfer:**

Eu acho que vocês vão ter que marcar outro dia. Mas eu confesso que nunca tinha posto na minha vida isso: ser Reitora. Isso não foi um objetivo na minha vida. Meu objetivo sempre foi trabalhar bem e trabalhar pela UNISC e na UNISC. Vestir a camiseta com comprometimento. Sempre foi esse. Agora, quando isso mudou? Mudou quando, de fato, pessoas começaram a defender esse projeto. Eu não estou aqui por mim, eu estou aqui porque houve confiança de muitas pessoas, no meu trabalho, em mim. E foi o que me fez pensar, em 2013, “bom, quem sabe?”. Eu começo a alimentar essa ideia, mas não veio de mim. Ela veio de fora para dentro de mim.

E vocês colocam bem. O que me fez pensar que eu poderia ser Reitora? Exatamente uma trajetória de construção e de aprendizagem, com os três Reitores. Porque eu sempre me coloquei a serviço deles. Tanto que quem aparecia eram eles, não eu. Eu era sempre uma pessoa do grupo que trabalhava para as coisas darem certo para a UNISC. Então, essa trajetória de construção, como se diz, de conhecer a UNISC, seu funcionamento, me levou a pensar que eu poderia aceitar o desafio de ser Reitora.

E olha que, em 2013, nós estávamos no auge do FIES, tinha uma receita, um superávit na Universidade. Se os outros Reitores passaram por crises, o Prof. Luiz Augusto passou, o Thomé passou, mas o Prof. Thomé terminou num momento muito bom da Universidade. E eu peguei esse momento, tanto que ter três chapas é um indicativo de que a situação estava boa. Mas por que eu penso assim “olha, eu trabalhei tanto para chegar aqui e, principalmente pela graduação, por que não?”. Aceitei.

Mas eu me preparei para a eleição. Quem estava comigo sabia que eu me preparei para ganhar ou para perder. E aí o que aconteceu que eu não estava esperando que acontecesse: mudanças drásticas na política da educação superior a partir de 2015. Foi aquela coisa assim “e agora? Sou eu que estou aqui, a UNISC precisa continuar”. E foi muito sério o ano de 2015, quando o FIES, na calada da noite, de dezembro para janeiro, mudou. Eu durmo com um programa e acordo com outro. E a UNISC, com 52% de alunos com financiamento. Eu pensei cá comigo, “e agora o que nós vamos fazer”? Foi o pior ano para mim, porque o FIES começou a atrasar, nós tínhamos que ir ao banco buscar recursos para pagar a folha, ninguém perguntava quem pagava o juro. O superávit que nós tínhamos começou a diminuir com a redução do programa e da receita. Conseqüentemente, 2016 nós não sentimos muito, mas em 2017 a crise bateu forte e a diminuição de alunos na UNISC começa a ficar muito grande. E aí vocês sabem

tanto quanto eu que exigiu de nós mudanças internas e externas. O que me levou a assumir o COMUNG também. Estar à frente do COMUNG num momento de crise é bem complexo.

Claro que eu pensei em não pegar, mas eu não tinha escolha, porque eu era a sub do José Carlos da UPF, que deixou de ser reitor. E aí eu ascendi, quando houve eleição. A gente trabalha com o coletivo também. Nós temos uma diretoria muito boa e que compartilhamos muito.

O COMUNG é um espaço de parcerias. Muito. “As instituições da Diretoria são: a UNISC na presidência, a UCS de vice, a URCAMP de vice, a FEEVALE de secretária e a tesoureira é a UNIJUÍ. Mais o Conselho Fiscal, a La Salle e a UNIVATES. Esses cinco parceiros, nós dividimos tudo, os ônus e os bônus do COMUNG. As universidades laicas têm essa característica, foram as que mais sofreram. As nossas confessionais estão sofrendo até hoje com a queda de alunos nas suas mantenedoras. São diferentes das laicas.

Está sendo um desafio importante estar, também, nos meios e nas lutas políticas para a defesa do segmento comunitário. Porque eu acredito e acho que é um segmento do futuro, mas que ele não é visto como tal. Em 2013, foi aprovada a lei das comunitárias, foi um marco para nós e foi uma conquista importante onde a UNISC esteve presente, através do João Pedro, do Thomé. Só que a Lei não teve regulamentação. Ainda somos vistos como instituições privadas.

E por que entrar nisso? Para mostrar que nós não somos, como diz uma professora, “caturritas do mesmo ninho”. Nós não somos iguais. Nós fazemos um trabalho sério, não reconhecido na prática. Quando há editais, são as públicas que levam. Defendemos a escola pública, gratuita e de qualidade, mas sabemos, também, que o Ministério da Educação é o padrão das públicas. Divide recursos, vai dar grito, acabam resolvendo o problema. Sem alcance de recursos públicos, nós temos que conquistar tudo. Nesse ano nós conquistamos o reconhecimento na categoria administrativa na LDB. Então existem instituições de ensino superior públicas, privadas e comunitárias. Isso foi uma conquista importantíssima. E foi via senador Jorginho Mello, de Santa Catarina. Foi um trabalho coletivo da ACAFE/SC, do COMUNG/RS e da ABRUC. É muito importante dizer: a crise faz as pessoas se juntarem e lutarem por suas causas.

Nós tivemos a parceria da bancada gaúcha e dos nossos senadores. Isso também está me ensinando muita coisa. Principalmente articulação política, articulação com os ministérios, defender o segmento, mostrar o que ele faz. A última grande briga do ano de 2013 foi a da filantropia, porque querem tirar a filantropia da educação. Na reforma da previdência nós passamos, com muita articulação política, com assinaturas de senadores, com assinatura de deputados, e todos nós trabalhamos para isso. De muitos telefonemas dos reitores para pressionar e dizer que “nós precisamos disso, nós precisamos daquilo”.

Mas agora, em 2020, tem uma outra, que eu acho que é pior, que é a da reforma tributária. E ali eles vão querer mexer. A filantropia não é gratuidade. Nós temos imunidade pela Constituição Federal. Há um grande compromisso da UNISC com o acesso e a permanência dos estudantes. Sempre foi uma prática assumida por todos os reitores. Nós tínhamos política

de crédito educativo, antes do FIES. Tínhamos bolsa de ensino, pesquisa e extensão, bem antes de bolsas PROUNI. Nós entramos no PARFOR, no PIBID, na Residência Pedagógica. Por quê? Porque iríamos manter as licenciaturas, como um compromisso histórico das nossas instituições comunitárias. Nós, e eu digo nós porque é uma luta coletiva, o que nós estamos passando agora é um momento difícil para todas as ICES. A concorrência, justamente por uma abertura das políticas de educação superior, começa a nos afetar de uma forma muito forte. Penso que o mercado vai regular o EaD. Mas, enquanto não estiver regulado, nós vamos ser afetados, porque o país empobreceu, o Rio Grande do Sul mais ainda. Infelizmente, o Brasil não tem uma cultura de valorização da educação.

Por exemplo, não foi dito aqui que a UNISC foi a primeira a implantar o PROUNI, na gestão do professor Luiz Augusto. Nós fomos piloto para o PROUNI. E o PROUNI é um programa belíssimo de inclusão e de acesso de jovens que não estudariam nas nossas instituições. E nós temos PROUNI na UNISC, em todos os cursos. Então, tirar a filantropia e voltar a pagar impostos significa, para o COMUNG, vinte e sete mil estudantes que não estudariam mais com bolsas. Vocês sabem o que é isso? Em cento e sessenta mil estudantes. Parece pouco, mas vinte e sete mil não estudariam se não tivesse a bolsa do Programa. FIES é uma luta diária, porque, sem financiamento, não haverá acesso ao ensino superior. Além de valorizar pouco a educação e o estudo, o jovem brasileiro não tem condições de pagar uma Universidade privada ou comunitária. Então, daí vem todos os movimentos institucionais de hoje, para sobreviver nesse meio.

#### **Entrevistadores:**

*Vamos ser diretos na pergunta, considerando sua reflexão sobre as dificuldades que as Universidades Comunitárias estão enfrentando nesse último período: as Universidades Comunitárias, e aqui a pergunta se dirige também para a UNISC, estão assumindo um desenho de Universidades privadas? É uma pergunta “bruta”, mas releve esse imediatismo e considere que ela tem uma outra questão implícita: qual é o nosso horizonte enquanto Universidade Comunitária? No que nos distinguiremos? Diante dessa crise e de um contexto que está impondo respostas acerca de modelos de Universidade.*

#### **Carmen Lúcia de Lima Helfer:**

Na letra da Lei temos as Universidades Públicas e Privadas. Nestas, com as instituições de ensino superior com fins lucrativos e sem fins lucrativos. As universidades comunitárias não têm fins lucrativos e seu modelo de sustentabilidade financeira está afetado pela concorrência da EaD, com mensalidades muito acessíveis e pela queda de alunos pela crise social, econômica e financeira. Mas não quer dizer que assumirão o modelo de universidade particular. Temos que fazer sérios ajustes financeiros, mas não deixamos de manter nosso compromisso social e de qualidade do ensino, da pesquisa e da extensão. A força das ICES está na sua forte relação com a comunidade através da produção e da polarização do conhecimento, socialmente relevante. Precisamos manter e fortalecer a pertinência social e acompanhar as mudanças do mundo, da vida e do trabalho e reinventar nosso modelo.

### **Entrevistadores:**

*Gostaríamos de conversar um pouco mais sobre a formação humanística na Universidade. Nessas alturas, você já nos colocou questões importantes, considerando a trajetória da própria UNISC nessa temática. Por exemplo, você nos colocou que a preocupação com a formação humanística está presente mesmo nos projetos de formação de professores, tão caros no período, inclusive, de criação da UNISC. Também está presente na criação dos cursos de licenciaturas que, como sabemos, sempre representam desafios sob o ponto de vista da sustentabilidade financeira da Instituição. Mas é importante pensar, também, em outros contextos. Em especial quando pensamos a formação humanística em outras áreas de conhecimento. Isso é importante, inclusive, porque você esteve, por um período importante, na Pró-Reitoria de Graduação, um espaço que, certamente, está no centro da reflexão sobre a natureza da formação universitária.*

*Então, essa discussão, na UNISC, tem diferentes momentos, aos quais se soma agora o projeto de Reinvenção Pedagógica, em nossa avaliação o primeiro momento em que a Reitoria, a partir de uma concepção de formação universitária, deixa claro para todos os cursos: todos têm suas especificidades, mas todos terão uma parte dedicada à formação geral, que será constituída por componentes que definem uma direção assumida pela Universidade e não pelas partes dessa.*

### **Carmen Lúcia de Lima Helfer:**

Bem. Iniciamos aqui uma segunda parte de nossa conversa. Eu quero aproveitar, primeiro, para agradecer mais essa oportunidade e, também, dizer que foi muito bom para mim conversar com vocês, porque olhar para o passado num momento que nós estamos vivendo, para mim gerou uma produção bacana de reflexão.

A partir de 2006, quando o professor Thomé foi eleito, eu saí da Extensão, onde foi criada uma Pró-Reitoria, com políticas de extensão, e passei a assumir, então, a Pró-Reitoria de Graduação. E foi aí que nos demos conta que nós não tínhamos uma política de graduação. Nós tínhamos uma quantidade de cursos, porque a Universidade cresceu, se expandiu. Se antes as Sociais Aplicadas e as Humanas eram as áreas principais de oferta de cursos, com o credenciamento da UNISC como Universidade, cresceu a área da saúde e começou a ser implantada a área das engenharias. Também em função das diretrizes curriculares nacionais – DCNs. O Ministério da Educação, por volta de 2004, 2005, extinguiu os parâmetros curriculares e criou as diretrizes. Minha leitura hoje, olhando para trás: nós transformamos as diretrizes em legislação. E, hoje, para mim, é muito claro que as DCNs são grandes parâmetros para a formação dos cursos.

Na época, eu saí de uma Pró-Reitoria em que tínhamos muita autonomia para legislar e passei para outra que era absolutamente legislada pelo Ministério da Educação. Foi um impacto grande e sempre a UNISC teve a preocupação de fazer tudo conforme preconizavam as políticas públicas e a legislação do ensino superior. Quando, em 2006, 2007, nós

atravessamos uma crise, não tão difícil quanto a de hoje, mas atravessamos, onde nós tivemos pactos de redução de salários, de medidas lineares, nós entendemos que tínhamos que fazer algo. Na época, eu era Pró-Reitora, a Maria Salete Sartori era Coordenadora de Graduação e a Giana era a Coordenadora Pedagógica.

Nesse meio tempo, se implantou o curso de Medicina. Exatamente em 2006. E a Medicina nasce num outro formato de currículo. E aí começa uma revisão, ou, pelo menos, uma reflexão sobre modelos curriculares, mas não tínhamos nenhum documento que traçasse as políticas para a graduação da Universidade. Nós tínhamos as diretrizes externas, e as externas viraram legais. Eu penso que foi um tempo importante, mas que trouxe consequências para nós, porque, na verdade, a leitura que se tem hoje é que as diretrizes são os grandes parâmetros. Não são leis impostas. Não precisa engessar. Nós temos a liberdade que a gente não enxergava.

Em 2006, nós vimos que não tínhamos dados da graduação. Aí a Pró-Reitoria decidiu fazer um grande diagnóstico, envolvendo todos os cursos de graduação e, praticamente, todos os professores. Foi um trabalho que eu considero que foi um dos mais importantes que realizamos. Eu e a Giana capitaneamos todo esse trabalho, fizemos com base em instrumentos de pesquisa, construímos uma comissão, o César fazia parte, com professores de todas as áreas do conhecimento para nos assessorar. E construímos, então, o que nós chamamos de “o diagnóstico da graduação”, trazendo elementos muito, muito ricos para a graduação da UNISC.

Em 2008, nós lançamos um livrinho azul, que vocês podem pegar, o Projeto Político-Institucional da UNISC. E nesse projeto estão as diretrizes políticas, que é o resultado do diagnóstico da graduação, que traz a história do diagnóstico (2006, 2007), as etapas e os pressupostos. E o que nós vimos? Que foi, de fato, um documento muito importante. Por quê? Porque nós trabalhamos conceitos orientadores para a construção das políticas.

Outras instituições fizeram também, porque isso aqui foi muito relatado como experiências da UNISC para outras instituições. Flexibilização curricular, mobilidade acadêmica. Esse material gerou as políticas e diretrizes de graduação. E o que nós tínhamos? Um diagnóstico que dizia “necessidade de formação pedagógica continuada”. Foi apontado que tínhamos que ter uma política de qualificação. Esta foi uma primeira política que originou o NAP, Núcleo de Apoio Pedagógico. O que acontecia? Os professores que precisavam de orientação eram assessorados em termos de metodologias, de fundamentos da educação, de avaliação, de participação em eventos. Também, a necessidade da discussão e consolidação da formação por áreas, com o apontamento de disciplinas comuns por área. Isso foi em 2008 e nós estamos em 2020.

Então, aqui eu respondo que, de fato, nós começamos mudanças na graduação. Todas as políticas que hoje estão aqui, elas estão atualizadas. Só que, das políticas, entre a política e a ação, ficou um vácuo. O que nós fizemos, então? Foi um primeiro movimento, e naquela época havia um conflito grande, porque os cursos seguiam as diretrizes curriculares nacionais

(DCNs). Os cursos não tinham, ainda, o NDE, Núcleo Docente Estruturante. Os colegiados acabavam formando um PPC baseado só na formação específica. E não havia disciplinas nem por área, nem de formação geral. Porque, desde que a UNISC é UNISC, ela tem uma premissa, um compromisso com a formação integral. Ou seja, não é só habilitar profissionalmente, mas é preciso uma formação cidadã, que é crítica, reflexiva e humana.

**Entrevistadores:**

*Entendemos perfeitamente. Mas também colocamos uma questão que, na nossa visão, sempre causou incômodo entre os professores do Departamento de Ciências Humanas: qual é a concepção de formação humanística que orientou essa discussão? E para nós, talvez precisemos fazer uma autocrítica, a concepção sempre passou pela presença e pela afirmação de algumas disciplinas, diretamente vinculadas ao Departamento.*

**Carmen Lúcia de Lima Helfer:**

Eu sei.

**Entrevistadores:**

*E as nossas reclamações sempre foram pautadas pelo seguinte: “bem, eles estão tirando, estão reduzindo as nossas disciplinas”; portanto, estão comprometendo a ideia de uma formação humanística na Universidade. Talvez tenha faltado esforço e capacidade de um diálogo mais claro com as outras áreas de conhecimento e, inclusive, com a Reitoria.*

**Carmen Lúcia de Lima Helfer:**

É uma noção boa, porque ela não está desatualizada, ela pode acontecer, porque o conhecimento da área da Filosofia, da Sociologia, da Antropologia, que são essas áreas que, tradicional e historicamente, fazem parte das Ciências Humanas, não vão sair do currículo. Elas não podem sair do currículo. Por quê? Porque elas são extremamente importantes para o cidadão, a pessoa e o profissional compreenderem a sociedade. Então, a pergunta é bem importante, porque em muitos cursos predominou a formação específica, com disciplinas específicas. E, inclusive, nós tínhamos problemas grandes, de terem disciplinas que num curso tinha um nome e num outro curso ela tinha outro nome, mas era o mesmo conteúdo. Quando eu saí da PROGRAD nós estávamos começando a fazer esse estudo, essa compatibilização para ver onde estavam as convergências e o que nós podíamos fazer para, então, ter uma formação mais integrada. E eu me lembro que houve uma discussão muito grande, onde as pessoas das Áreas específicas gostaram de lecionar, ou, então, desenvolver disciplinas onde eles mesmos pudessem dar Antropologia, Sociologia. E eu defendi que não, e eu defendo até hoje que não.

**Entrevistadores:**

*Mas daí, professora Carmen, precisamos recolocar uma questão que você já respondeu, nas reuniões que a Reitoria promoveu para apresentar e discutir o projeto de Reinvenção Pedagógica. Há o risco de estarmos diante de um projeto no qual, para algumas áreas,*

*professores que não necessariamente têm formação poderão trabalhar? Por exemplo, professores que não têm formação em sociologia, antropologia, filosofia, mas que poderão trabalhar temas e objetos que estão vinculados às tradições de reflexão desses campos disciplinares?*

**Carmen Lúcia de Lima Helfer:**

Eu confesso que entendo que isso não pode acontecer. Eu disse isso para colegas de vocês, eu disse isso publicamente e esse não é o projeto. Quando se traça, digamos, espaços curriculares interdisciplinares, estará aí o nosso grande desafio. É trazer a contribuição dos diferentes campos do conhecimento para o entendimento do conteúdo e da produção do conhecimento sob os múltiplos olhares. Daí porque a problematização, daí porque discutir problemas reais. E eu fiquei mais tranquila quando vi, percebi que, na formação geral, está resguardada a formação humana. O que é campo das Humanidades, da Filosofia, da Sociologia. E a pergunta que vocês fazem a vocês mesmos, nós não nos perguntamos. Talvez seja importante nesse novo momento de o departamento perguntar: como a saúde vê a aprendizagem? Ou, se não for para professor, que seja para os estudantes. O estudante tem que precisar que é importante. Mas nós temos que fazer ele entender que é importante. Agora, o modo como se faz isso pode ser diferente. E aí que mora uma esperança, de que através de problemas reais, através de uma compreensão da sociedade tal como ela é, você possa trazer os pensamentos de filósofos, sociólogos, antropólogos para elucidar essa sociedade.

É uma questão de metodologia? É. Mas é uma questão, também, de preservar campos do conhecimento. Em nenhum momento, pelo menos este Gabinete, teve a intenção de tirar esse campo da formação, de jeito nenhum. Porque no projeto político-institucional, quando se fala numa formação integral, você quer a formação de uma pessoa, de um sujeito que pensa. Um sujeito que pensa, não só a partir da sua área específica. Um engenheiro não vai pensar só Engenharia, ele tem que pensar o meio ambiente, ele tem que pensar o contexto social, porque ele vai atuar nele, e ele tem que entender isso. Então, penso que, mais do que nunca, e aí já vou responder uma das questões, nós estamos num tempo muito complicado. Talvez um dos mais emblemáticos da humanidade, porque é o mundo que está numa outra era, num outro momento. A tecnologia é implacável, ela não vai retornar, ela não vai diminuir. Ela vai avançar. Como nós podemos fazer que não nos tornemos robôs? Que não nos tornemos automatizados? A única forma de a gente fazer isso é fazer a reflexão da nossa humanidade, do nosso pensamento.

Então, penso assim, que cada vez mais nós vamos ter que trabalhar a formação humana e, talvez, ter que achar um outro modo. Se esse não for, como nós vamos fazer para que haja a compreensão dessa área e a relevância dela na formação das pessoas? A mudança é necessária.

Vamos aos departamentos. A Universidade de Santa Cruz do Sul, acho que era uma das únicas que mantinha departamentos, tirando as públicas. Nós nos criamos à luz e semelhança das universidades públicas. Só que as universidades públicas, de alguma forma, bem ou mal, são protagonistas do governo, do Ministério da Educação. Eu sempre digo, as nossas públicas



dependem do Ministério, em toda ordem. Hoje, dado o contexto em que vivemos, e cada vez mais o recuo de recursos federais, municipais, estaduais, nós estamos tendo que achar formas de sobreviver e de nos sustentarmos. O que acontece? As universidades públicas ainda detêm um grande número de departamentos, mas as universidades comunitárias do RS e de Santa Catarina já não têm departamentos há muitos anos. Mas a UNISC era a que mantinha um maior número de departamentos. Quando os departamentos foram criados, lá na reforma em 1968, eles tinham uma finalidade. Qual era? Dividir os professores. Porque o regime militar, de fato, queria dividir para, digamos assim, ter menos junção, ter menos pensamentos democráticos e tudo mais. Criar uma forma de separar os professores. E isso serviu até um determinado tempo. O Departamento é importante porque ele não deixa de ser um ninho, aquele lugar de referência que todos os docentes têm que ter.

Foi isso que eu defendi, pela manutenção de alguns. Porque tirar, houve algumas universidades que extinguiram totalmente. Temos a administração superior e a administração básica/cursos e departamentos. E os professores? RH? Como é que nós vamos distribuir todos no RH se nós não temos nem uma estrutura adequada de RH? Então, vamos manter uma estrutura intermediária, vamos conviver e aprender esse novo modo. O futuro vai nos dizer se vamos ter Centro, se vamos ter Institutos, ou se vamos ter outra estrutura. Então, o que eu te digo: é um modo diferente de trabalhar, e ele tem muito a ver com integração, com inclusão de áreas, de ampliação de saberes para, de fato, trabalhar um pouco mais interdisciplinarmente. Para poder criar o novo. O que é e o que se fez? A Universidade cresceu e os redutos também. Nós fortalecemos a corporação. E aí as coisas ficaram, assim, meio que sem movimento.

### **Entrevistadores:**

*E as corporações representam problemas para e na discussão?*

### **Carmen Lúcia de Lima Helfer:**

Algumas são. Porque tem relações de poder, com certeza. Nós vivemos isso, e toda universidade é um lugar onde transitam essas relações de poder. Se não fosse, não seria universidade. Principalmente, pela questão da produção do conhecimento. Mas, como a gente constrói um outro jeito de fazer? E mais criativo, mais sustentável, mais dialogado de verdade? Porque não é fácil o diálogo, nenhum pouco. Essa de escutar, de ouvir, de construir juntos, isso é muito difícil. Demanda tempo, muita, muita reunião, argumentos e convencimento das ideias.

E, de forma alguma, eu não defendo o livre fazer. Não, não é isso, porque é tão danoso quanto o autoritarismo. Então, eu penso que nós estamos aí à frente de um desafio enorme, que é, de fato, trabalhar em uma comunidade acadêmica, que vai construir seus próprios modos de viver, sobreviver, de construir e continuar sendo referência. Eu vejo que, com isso, nós estamos fazendo uma grande mudança.

Estamos numa fase de mudança de espaços, que é o primeiro movimento. O segundo movimento é colocar nesses espaços pessoas de diferentes, de diversos departamentos e

construir uma área. O que é uma área? É um campo maior. E que disso nasçam novos produtos. Sejam cursos, pós-graduação, extensão, serviços, que nós tenhamos, pelo conjunto, um fortalecimento maior das atividades, que possamos oferecer em torno da formação. Eu falei num discurso de formatura que a UNISC fez grandes reestruturações, temos o desafio de praticá-las, mas não mudamos nossa essência. A UNISC continua sendo uma Universidade comunitária, comprometida com a sua comunidade, com os princípios democráticos. Vem novamente a importância do Departamento de Ciências Humanas. Historicamente, o Departamento de Ciências Humanas fez um trabalho de reflexão democrática, dos modelos políticos. Foi muito importante e será sempre importante esse olhar da compreensão da política.

O Departamento de Ciências Humanas sempre teve importância. Nós tivemos reitores, nós tivemos pró-reitores, nós tivemos coordenadores, nós tivemos professores que sempre participaram de comissões importantes que envolviam decisões na Universidade. Então, desde lá nos anos 80, quando começou o movimento de democracia para dentro da Universidade, o departamento de vocês foi protagonista. E ele continua sendo. Mas com o crescimento da Universidade, criaram-se outras vozes. E o que é uma universidade se não uma universalidade de pensamentos? E a gente entende que o papel das Humanidades vai continuar. Eu entendo que o Departamento de Ciências Humanas, além da produção, outra questão importantíssima na história da Universidade, foi um departamento que sempre teve muita titulação, doutores. Mestres e doutores foram os primeiros a encampar essa batalha da titulação. E, com isso, também, contribuiu para a criação dos cursos de pós-graduação. Tanto que participam de praticamente todos os Programas *Stricto Sensu*. Participam da Saúde, do Desenvolvimento Regional que foi o primeiro, Direito, Letras, Educação e Psicologia.

Talvez vocês não tenham participação na Administração, no Sistemas e Processos Industriais. Vamos dizer que em 50% dos mestrados e doutorados da UNISC temos professores das Humanidades presentes. Mas, o que é importante destacar: foram pioneiros. Sempre foram vanguardas nessa questão. E o Desenvolvimento Regional está aí para evidenciar, porque foi o primeiro mestrado interdisciplinar do Brasil, e foi capitaneado pelo Prof. Luiz Augusto e pela Prof.<sup>a</sup> Virgínia. Hoje estão no mesmo departamento. Outra contribuição são as lideranças internas e externas, lideranças no campo da pesquisa, profissionais muito qualificados, com boa produção. Penso que essa foi a grande contribuição do Departamento.

#### **Entrevistadores:**

*No entanto, fica uma lacuna nessa história. Que não é da UNISC, mas de muitas Universidades. Observa-se uma dificuldade persistente na consolidação de cursos da área das humanidades, em especial os cursos de Filosofia e de Ciências Sociais. E é claro, a pergunta é se estamos fadados a uma história sem a presença desses cursos ou se é possível construir estratégias para que isso não ocorra.*

#### **Carmen Lúcia de Lima Helfer:**

Essa é uma questão importante. Eu não vou ter essa resposta, eu só quero dizer que é comum a pergunta. Nós ainda mantemos na UNISC dez licenciaturas. Nós somos a única comunitária que temos esse número. A ferro e fogo, nós vamos achando formas de mantê-las, seja na integração de currículos, seja na junção de docentes, enfim, 'n' formas, e eu acho isso muito bacana, de todos os gestores que tivemos de manter o compromisso social, com a formação de professores, com as Humanidades, com a educação. Agora, até quando? Nós criamos o curso de Ciências Sociais, não vingou. Ou vingou enquanto deu conta de um conjunto de interessados. Porque tem uma outra coisa que paira sobre a nossa sociedade, entre o custo, o investimento e o depois, o futuro. E, infelizmente, juntou com uma fase muito ruim do Estado do RS, que foi a falta de abertura de concursos públicos, a não contratação. O que nós tivemos nesse meio tempo foi a inserção de Filosofia e Sociologia nos currículos do ensino médio. Agora eu nem sei como está, porque as áreas mudaram. Então, eu penso que isso não foi construído internamente. Houve uma intenção interna de ofertar, mas houve um externo que não favoreceu e não teve procura. Eu me lembro que quando eu estava na PROGRAD, a gente encerrou o curso de Filosofia. Porque não tínhamos alunos.

Nós tínhamos que construir disciplinas, inserir os alunos em disciplinas existentes. Foi muito difícil, até que chega um ponto que não tem como manter. Aí, o que aconteceu? Aconteceu que essas áreas foram mantidas nos cursos. Em 2020, uma outra mudança vai ocorrer. Vamos fazer todo um esforço e vocês estão absolutamente dentro para que a gente resgate cada vez mais esse valor. Eu vi que os professores da formação geral, muitos são das Humanidades. Gostei do que vi. E não sei, de jeito nenhum, dessa Instituição a importância de formar pessoas, e cada vez mais pessoas mais inteiras. Nós vamos ter nesse mundo mais depressão, mais suicídios, mais um monte de coisas. Nós estamos vivendo um momento muito difícil porque um percentual ainda muito grande de egressos da graduação estão sem emprego.

As pesquisas indicam que o momento é de desemprego, mesmo entre pessoas que têm curso superior. Então, vamos pensar numa família no Rio Grande do Sul, com o salário dos professores, com pagamento parcelado em míseras parcelas. Como incentivar seus filhos a entrarem em cursos comprometidos com a formação de professores?

### **Entrevistadores:**

*Mesmo para jovens que têm interesses em outras áreas. Como enfrentar no cotidiano de sala de aula, da formação universitária, justificar para os estudantes que os cinco anos de graduação darão para eles condições de inserção no mercado de trabalho, quando essa promessa, pelo menos na nossa conjuntura, está distante de ser alcançada. É uma promessa que tem grande chance de não ser consequente.*

### **Carmen Lúcia de Lima Helfer:**

Não vai ser cumprida porque quando ele é um estagiário, enquanto graduando, terá um salário. Se ele terminar a graduação vai ganhar menos do que um estagiário. Então, assim, as condições estão muito ruins. E eu fico triste com a situação para esses jovens que se formam, felizes da vida, eu fico pensando "meu Deus, daqui a uns dois ou três meses vai cair a ficha".

Para onde vão? Então, a outra promessa é de formação continuada, mas ele não vai ser estudante para a vida toda. E o que ele quer: ele quer aprender a fazer, ele quer saber fazer, mesmo que isso implique ele não ter estudo, porque hoje, com a tecnologia, o conhecimento ele busca. Pode não ter a mediação da crítica, da criatividade do professor, da reflexão, mas ele vai. Então isso, para nós, está sendo um desafio, talvez dos maiores, e não é para a UNISC, é para a universidade no mundo. É que nós estamos competindo com a tecnologia, estamos competindo com as corporações. Hoje, a formação é dada por muitos segmentos. Então, qual será o nosso diferencial? Eu não tenho respostas para tudo, mas as perguntas têm que acontecer. E eu penso que esse movimento da reinvenção do ano passado, agora, na reflexão nas minhas férias, acho que ele foi enorme. Ele foi enorme e a responsabilidade está maior ainda. Porque agora tem que acontecer e vai depender da predisposição dos docentes, de todos os docentes.

**Entrevistadores:**

*Professora Carmen. Nós temos muito a agradecer. Nessas alturas, não pela disponibilidade de tempo, que sabemos muito importante. Mas, fundamentalmente, pelas reflexões que suas falas abriram e abrem. Temos certeza de que construímos em nossas conversas documentos que sempre serão importantes para o pensar sobre a Universidade, sobre a formação universitária, sobre as Universidades Comunitárias. Muito obrigado.*

**THE CHALLENGES IN BUILDING A COMMUNITY UNIVERSITY: A LOOK FROM THE CONDITION OF RECTOR.**

**Abstract:**

The interview addresses themes related to the historical process of building a Community University, especially the University of Santa Cruz do Sul (UNISC). Based on reports about her professional experience, as a teacher and manager at UNISC, Professor Carmen Lúcia de Lima Helfer analyzes the different moments, the different challenges, the difficulties and the achievements in the collective work of building a Community University experience in the Rio Grande do Sul. The interview also addresses the paths and deviations of higher education in Brazil, especially in the last period when changes in public policies and directed to higher education in the country challenged and challenged university managers to change both in what it concerns administrative management as well as with regard to University projects that guide university teaching, research and extension actions. Related to this last theme and caused by the proposal for the special issue of Barbarói, Professor Carmen rescues the participation of the Department of Human Sciences at UNISC and the place of human sciences in university education.

**Keywords:**

### **Sobre os autores:**

*Carmen Lúcia de Lima Helfer* tem graduação em Direito, pela UNISC; graduação em Formação de Professores das Disciplinas Especiais, pela UNIVATES; e Mestrado em Educação, realizado na PUC/RS. É professora adjunta no Departamento de Ciências, Humanidades e Educação, da UNISC, atuando na área de formação de professores e de gestão da educação superior. Na UNISC, a professora Carmen Lúcia já foi Pró-Reitora de Extensão e Relações Comunitárias (período entre 2002 e 2005) e Pró-Reitora de Graduação (período entre 2006 e 2013). Desde 2014 é Reitora da UNISC e presidenta da Associação Pró-Ensino em Santa Cruz do Sul (APESC).

*César Hamilton Brito de Goes* é Graduado em Ciências Sociais, Mestre e Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). É Professor e Pesquisador na UNISC (Universidade de Santa Cruz do Sul), onde atua no Departamento de Humanidades, Ciências e Educação.

*Marco André Cadoná* é Graduado em Filosofia, Mestre em Sociologia (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e Doutor em Sociologia Política (Universidade Federal de Santa Catarina). Professor e Pesquisador na UNISC (Universidade de Santa Cruz do Sul), onde atua no Departamento de Humanidades, Ciências e Educação e no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional.